**Encontros, desencontros e possibilidades democráticas entre estudantes LGBT+ de uma Univer*cidade* no Agreste de Pernambuco*.***

Robson José de Oliveira Brito, doutorando em Educação PPGEdu/UFPE

(Máximo de 3 autores, cada autor(a) poderá apresentar apenas 1 trabalho, não importando se em co-autoria ou não)

Nas últimas duas décadas, o ensino superior brasileiro testemunhou a emergência de importantes políticas de inclusão social. Nesse cenário, a UFPE implantou dois campi no interior, criou políticas assistenciais e fundou a Diretoria LGBT. A criação deste órgão deu a estudantes, docentes e técnicos a possibilidade de enfrentar o preconceito e disputar direitos, especialmente com o avanço do neoconservadorismo. Este texto é um recorte de uma pesquisa que teve como objetivo conhecer os espaços-tempos curriculares da Diretoria e as experiências de estudantes LGBT+ no Agreste de Pernambuco. Percebeu-se que o órgão tem construído um currículo político-cultural forçando a Universidade a produzir e negociar sentidos sobre si mesma, a sociedade e os sujeitos através de processos articulatórios entre demandas de diferentes segmentos sociais. Esses processos são interpelados por diferentes subjeti(ci)dades e constituem dinâmicas de subjetivação que revelam a univer*cidade* como lugar do encontro.

Palavras Chaves: Discurso; Currículo; Universidade; LGBT+.

Cursei Pedagogia, no Campus da UFPE no Agreste de Pernambuco. Durante a pandemia de COVID-19, fiz o Mestrado em Educação de forma remota no Campus de Recife, onde atualmente sou estudante do curso de Doutorado em Educação. Me encontro num lugar transitório, entre o suposto fim da dissertação e a perdição inicial da problemática de uma tese.

O que aqui se transcorre é um retorno ao passado. Um novo olhar localizado no presente. Agora me interessou olhar mais cuidadosamente para as experiências de estudantes LGBT+ no Campus do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, diante as tentativas de totalização dos discursos neoconservadores mobilizados a partir de variados espaços e aspectos, sejam pelos corredores, salas de aula (virtuais ou presenciais), grupos de whats app e redes sociais, banheiros e demais departamentos ou espaços institucionais e não-institucionais. Em tempo, entendo por experiência as práticas construídas social e culturalmente por meio de complexas interações entre sujeitos e estruturas de poder (Scott, 1998).

Em uma direção pós-estruturalista, tento ir por um caminho investigativo que lança uma (re)organização sobre os supostos “resultados” a sua própria movimentação teórica-metodológica. Uma contramão *a posteriori* criadora da pesquisa, que se atenta para além da separação tradicional e racionalista da linearidade divisória do texto da pesquisa desenhada em caixinhas, tendo por primazia o ôntico sobre o ontológico. Na dissertação, em certa medida, esta foi uma tentativa de criar uma ponte entre os dois corpora de pesquisa, a atuação do Núcleo LGBT da UFPE (antiga Diretoria LGBT) e as experiências universitárias LGBT+ diante os discursos neoconservadores. Aqui, o que me interessa é pensar como as categorias teórico-analíticas, inspiradas nas lógicas sociais de Glynos e Howarth (2007), que eu chamei por lógicas educativas, culturais e de sensibilização do Núcleo LGBT podem ser cruzadas com as experiências universitárias de estudantes LGBT+ no intuito quase estético de se debruçar sobre o constituído e dele retirar as condições de construção da sua própria negatividade na ordem, tensionando os sentidos e demonstrando suas nuances precárias, temporárias e contingentes. O que denominamos de “lógicas educativas, culturais e de sensibilização” não se formam em isolado, estão entrelaçadas e se influenciam reciprocamente. A educação reflete e reforça aspectos culturais, enquanto a cultura educa. Da mesma forma, práticas de sensibilização ocorrem em parâmetros culturais e educativos. Essas lógicas são interdependentes, trabalham em conjunto influenciando dinâmicas sociais, relações interpessoais, estruturas discursivas. Enfatizo que este movimento não é definidor de absolutamente nada, porque essa produção de sentidos só é possível através de “regras que não foram inventadas por si, não são controladas ao seu bel-prazer, e não podem ser simplesmente modificadas de maneira arbitrária e intempestiva por alguma pessoa” (Burity, 2008, p. 39).

Neste caso, a formação discursiva está envolta, como apontado por Laclau e Mouffe (2015), na construção social e política de pontos nodais. Estes que se referem a um momento no qual diferentes demandas sociais são articuladas como um símbolo, ideia ou causa específica. Como um discurso representante, capaz de organizar no seu entorno o caos social ou o campo da discursividade no qual ele encontra essas brechas para a sua própria formação em momentos específicos, localizados em um espaço-tempo histórico e contextualizado (Laclau; Mouffe, 2015).

Daí a relação entre diferença e equivalência, onde alguns significantes se esvaziam de modo a se articularem discursivamente em cadeias de equivalência a partir da oposição a um outro discurso. É o caso das políticas LGBT na UFPE. Em meio ao avanço dos discursos neoconservadores (também mobilizador dessa cadeia equivalencial), a atuação do Núcleo LGBT ultrapassou os caracteres mais materiais e *se embrenhou no mato* de fios sociais e políticos. Esse mato faz alusão a uma narrativa interiorana, que neste caso quer dizer justamente o contrário. Não é se esconder no interior [do armário] para melhor ser aceito no espaço da educação ou do ensino superior. Ao contrário, as atividades virtuais desse órgão e o acionamento de lógicas de sensibilização possibilitaram processos de significação a partir das experiências dos estudantes no Agreste. Sentidos compartilhados em um jogo coletivo no qual o cruzamento de diferenças participa da constituição de horizontes e subjetividades.

O Núcleo se aventurou, anos antes da pandemia, nas redes sociais digitais; em programas de rádio/TV Universitária e através da TV Brasil. Constituiu uma rede de socialização, não apenas emaranhados de fios passando abaixo das águas do mar ou conexões online via plataformas estadunidenses. Reações neoconservadoras de personagens regionais e nacionais se multiplicaram e redes de solidariedade entre estudantes LGBT+ se articularam de modo a organizar novos sentidos sobre o que seria essa universidade. Uma movimentação de significados socialmente construídos que tornaram a universidade um lugar de univer*cidades*, de experiências políticas.

Dentre todas as significações, a que mais se destaca é a que toma a univer*cidades* como organização coletiva de pessoas trans. Dentro de seus muros invisíveis e tantos entraves cisheteronormativos, algumas pessoas trans sentem segurança para serem “elas mesmas”, coisa que não conseguem viver em seus ambientes familiares, na rua, nos transportes, no trabalho.

A univer*cidade* é esse ponto de encontro entre diferentes experiências de vida, culturas e demandas LGBT+ que disputam sentidos – “reconhecimento”, “empoderamento” dentro e fora da sala de aula, participação em projetos de pesquisa e extensão, apoio institucional, bolsas de permanência e de estudo. Lógicas culturais e educacionais mobilizam essas demandas que tencionam significados e, ao mesmo tempo, se articulam em torno do próprio significante universidade, pondo em ação regras e práticas que visam sustentar um discurso (Glynos; Howarth, 2018).

Equivalências são criadas entre diferentes demandas sociais muito pormenorizadas como as de um determinado movimento social e de um coletivo estudantil da própria instituição. Essa equivalência entre diferenças é articulada discursivamente dentro da amplitude de uma universidade em si. É o funcionamento desse espaço-tempo como discurso, como currículo, como prática social que potencializa significados de movimento, de tensionamento, de contestação, de crítica, como lugar educativo. O *educativo* não se restringe a noções pedagógicas com sentidos predeterminados, abrange o próprio fazer curricular político-cultural. As origens geográficas das pessoas que frequentam o Campus do Agreste são diversificadas. A univer*cidade* funciona como ponto de intersecção entre diferentes subjetividades e contextos de identificação, com suas demandas sociais divergentes, convergentes e, sobretudo, contingentes, não permitindo que se coloque a discussão em linhas finais. Os ritos acadêmicos, para além de produção científica, são momentos de invenção político-cultural. Práticas que envolvem processos coletivos de significação acerca de comportamentos, crenças, normas e valores.

Além disso, estes discursos vão tencionar os significados sobre o currículo e as práticas que envolvem o fazer científico/acadêmico, que se (re)significam na performatividades sociais de estudantes LGBT+. As lógicas educativas, culturais e de sensibilização são indeterminadas porque elas são balizadas através de práticas sociais, mas lembremos que as lógicas sociais não se separam das lógicas políticas e das lógicas fantasmáticas. As lógicas políticas dizem respeito a análise de elementos ontopolíticos que sustentam ou questionam as práticas sociais e as lógicas fantasmáticas buscam descrever as imaginações ativadas em contextos discursivos tendo por propósito legitimar práticas hegemônicas através de retratamentos naturalísticos (Glynos; Howarth, 2007).

Lopes (2018) vai nos dar algumas pistas nessa discussão. A promulgação e desenvolvimento de currículos particulares que se interconectam em sítios universitários/hegemônicos, em especial ao tratar os temas da diferença (p. e., gênero e sexualidade), provocam tensionamentos em torno da ideia de identidades fixas, desestabilizando-as e promovendo a disputa de novos sentidos no fazer curricular. Assim, longe de intentar analisar cada uma dessas lógicas, podemos versar que os variados elementos constituintes de lógicas políticas e as condições pelas quais eles surgem nas práticas sociais, através de relações de poder, se transbordam em práticas curriculares político-culturais ao se propor em totalidades sociais e práticas hegemônicas.

A univer*cidade* abre possibilidades democráticas e, quiçá, fortalece articulações políticas mais amplas. Não esqueçamos das ocupações de escolas e universidades públicas no período pós-golpe parlamentar de 2016. Reitero: a univer*cidade* é lugar do encontro. Encontro entre subjeti(ci)dades.

Referências

BURITY, J. **Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau**. In: ALMEIRA, D. de; PEIXOTO, L. P. (org.). Pós-estruturalismo e teoria do discurso em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GLYNOS, J.; HOWARTH, D. **Logics of Critical Explanation in Social and Political Theory**. London/New York: Routledge. 2007.

GLYNOS, J.; HOWARTH, D. **Explicação crítica em ciências sociais: a abordagem das lógicas**. LOPES, A. C.; OLIVEIRA, A. L. M.; OLIVEIRA, G. G. S. A teoria do discurso na pesquisa em educação. Recife: UFPE, 2018.

LACLAU, E.; MOUFFE; C. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrátrica radical**. Brasília: CNPq, 2015.

LOPES, A. C. **Políticas de currículo em um enfoque discursivo: notas de pesquisa**. LOPES, A. C.; OLIVEIRA, A. L. M.; OLIVEIRA, G. G. S. A teoria do discurso na pesquisa em educação. Recife: UFPE, 2018.

SCOTT, J. **A Invisibilidade da Experiência**. Projeto História, n.º 16, São Paulo, 1998, pp.303–304.